

US\$ 150 bi em barreiras

• Após quase cinco anos representando o Banco Mundial (Bird) no Brasil, o ganês Gobind Nankani assumiu este mês a vice-presidência do banco para Pobreza e Gestão em Washington. Nesta entrevista, ele ressalta que o país tem de investir em educação.

Vivian Oswald

O GLOBO: *A nova bandeira do Banco Mundial é o fim das barreiras dos países ricos às exportações das nações em desenvolvimento para estimular o crescimento e a redução da pobreza?*

GOBIND NANKANI: Essa é a idéia que deve estar presente em Doha, na nova rodada de comércio mundial. O combate à pobreza nos países em desenvolvimento passa pela necessidade de exportar, sobretudo produtos agrícolas. O Brasil hoje sofre muitas barreiras para vender aço, soja e frangos no exterior.

• *O Brasil deve negociar se os ricos não quiserem tratar do tema agricultura?*

NANKANI: O importante é negociar neste momento. Os países em desenvolvimento devem se reunir e elaborar uma estratégia comum. Os países ricos devem enfatizar o combate à pobreza, ainda mais depois dos atentados nos EUA. Se não houver um crescimento fantástico das exportações, não haverá um impacto forte sobre a redução da pobreza.

• *O fim das barreiras pode trazer esse crescimento fantástico?*

NANKANI: Só isso não. As barreiras levam os países em desenvolvimento a deixarem de ganhar US\$ 150 bilhões por ano. É preciso que os governos desses países também se voltem para o estímulo às exportações. No caso do Brasil, é preciso também desburocratizar, regulamentar a economia e reformar o mercado de trabalho.

• *O Banco Mundial destacou a melhoria nos indicadores sociais brasileiros, mas insiste no fato de que as desigualdades se mantêm. Como diminuí-las?*

NANKANI: Com educação. Com ênfase nos ensinos médio e fundamental. E, no futuro, com o aumento da capacidade do Estado de cobrar o Imposto de Renda, ou seja, com uma cobertura melhor do tributo. Isso poderia ser feito com aumento da base de contribuintes e, quem sabe, uma alíquota menor para todos.